

## **O SINASEFE e o combate à LGBT+fobia: uma discussão necessária**

### **Movimento por uma Escola Popular (MEP)**

A normatização dos corpos humanos vem, desde o início do capitalismo, objetivando a reprodução humana para mão de obra e reprodução da elite econômica. Dentro dessa lógica, todas as outras formas de gênero e sexualidade que não a expressão binária, cisgênera e heterossexual não atendem a tal objetivo. Embora tal <sup>1</sup> ideia possa parecer desatualizada, já que coexistimos em um planeta com mais de 7,5 bilhões de pessoas, precisamos lembrar que, em muitos países, estão sendo retomadas ideologias fascistas, dicotômicas, com as quais as multiplicidades e diferenças são incompatíveis. Elas promovem a cisão com tudo que difere, fazendo com que ocorra uma intensificação das opressões para o estabelecimento de regimes profascistas. Assim, a heteronormatividade é utilizada para controlar as mentes e corações dos indivíduos e a vivência de outras formas de gênero e sexualidade representa uma liberdade contrária às determinações do sistema.

Em corpos femininos e LGBT +, para além da exploração capitalista neoliberal, a <sup>2</sup> dominação sexual é a mais perceptível e a mais funcional ao sistema patriarcal, pois a subjugação das sexualidades faz parte do processo de dominação masculina. Também faz parte da dominação masculina a depreciação de tudo que é tido como “feminino”, ou seja, homens gays “afeminados” são desmoralizados, tratados como se não fossem homens. Pior ainda é o tratamento dado a pessoas trans, cujos corpos são considerados ininteligíveis, ou seja, incompreensíveis e desprovidos de humanidade, o que resulta em casos extremos de violência contra essa população.

Existe uma naturalização do modelo binário e heterossexual de existência dos sujeitos, e ao mesmo tempo um controle e uma imposição constantes de todas as esferas sociais (escolar, familiar, midiática, jurídica, etc.) para que os corpos e as sexualidades se adequem a esse modelo. A regulação e subjugação dos corpos não heterossexuais (e especialmente dos não masculinos) ocorre por meio da associação entre religião, política e economia: as religiões hegemônicas trabalham a culpa sobre quaisquer sexualidades fora da heteronormatividade; o poder econômico depende da submissão feminina e

<sup>1</sup> A cisgeneridade é a condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento, em função do sexo biológico.

<sup>2</sup> A sigla é constantemente atualizada para contemplar as diversas expressões de gênero e sexualidade existentes, nesse sentido o sinal de adição ao final da sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) representa as demais expressões, possibilitando uma abreviação do tamanho da sigla, além de torná-la mais abrangente.

LGBT+ (e do controle de sua sexualidade e capacidade ou não de reprodução) para reduzir a massa salarial através da criação de um exército de reserva; o poder político trabalha quase sem a participação de mulheres e LGBT+, reforçando os dogmas religiosos de forma moralizante e criando

a ideia do “cidadão de bem”, que permanece, portanto, masculino, branco, heterossexual e cristão.

### *Alguns fatos do país que mais mata LGBTQ+ no mundo*

Há 35 anos, a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença no Brasil, antes mesmo da resolução da Organização Mundial de Saúde de 1990. Ainda assim, somos o país que mais mata LGBTQ+ no mundo todo. A situação só piora e, nos últimos dois anos, temos visto o aumento da violência contra a população LGBTQ+, legitimada pelo discurso de ódio de Bolsonaro. O presidente iniciou seu mandato extinguindo o Conselho Nacional de Direitos LGBTQs do atual Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e segundo relatório do Grupo Gay da Bahia, de 01 de janeiro a 15 de maio de 2019, foram registrados 126 homicídios e 15 suicídios de LGBTQ+, o que representa a média de uma morte a cada 23 horas.

Com a Reforma da Previdência, ficam ainda mais precárias as possibilidades de aposentadoria desse setor oprimido, que também já tinha sido extremamente afetado pela Reforma Trabalhista. Grande parte da comunidade não consegue acessar o "mercado formal de trabalho", sendo que 90% da população trans depende da prostituição para sobreviver. Em relação aos LGBTQ+ que possuem emprego formal, uma pesquisa realizada pelo grupo Santo Caos revela que 61% de funcionárias e funcionários LGBTQ+ no Brasil optam por esconder sua sexualidade e/ou identidade de gênero de colegas e gestores, por medo de represálias. A dor de ser excluído, ridicularizado e até mesmo agredido simplesmente por existir, faz com que a juventude LGBTQ+ pense em suicídio três vezes mais do que jovens cisgêneros heterossexuais, e tenha cinco vezes mais chances de tentar cometê-lo.

A lógica capitalista é tão perversa que atualmente alguns setores da classe dominante se pretendem amigáveis à comunidade LGBTQ+. Empresas como Uber, Burger King e Avon patrocinaram a parada LGBTQ+ de São Paulo em 2019; as mesmas corporações que submetem trabalhadoras e trabalhadores LGBTQ+ a jornadas de trabalho extenuantes, baixos salários e assédio moral. A referida parada LGBTQ+ supostamente movimentou R\$ 403 milhões na economia da capital de São Paulo, não por acaso, o estado que mais registrou mortes de LGBTQ+ em 2019.

É nefasta a forma com que o sistema se apropria das pautas dos oprimidos, lucra em cima delas e ao mesmo tempo reforça a exclusão destes setores. Um outro exemplo de como funciona essa lógica pode ser encontrado na plataforma Netflix: no catálogo de gêneros de filmes, ao lado de romance, comédia e suspense encontra-se o gênero “LGBTQ”, dificultando que os filmes com personagens ou temática LGBTQ+ sejam colocados junto com os filmes que aparecem no menu inicial e vistos pelo “grande público”. Infelizmente, esta política faz com que alguns LGBTQ+ enganosamente se sintam contemplados e acolhidos, por se identificarem na plataforma.

## *LGBT+ e a atuação sindical*

A realidade de invisibilização, preconceito e violência tende a se repetir em diferentes espaços, e o sindical é mais um deles. Isso faz com que muitos LGBT+ se afastem do sindicalismo, o que é lamentável, pois a comunidade LGBT+ costuma estar na vanguarda de diversas lutas e mobilizações populares. Quanto menos LGBT+ participarem do sindicato, menos esta comunidade se sentirá representada e menos ainda se perceberá como agente ativo de proposições e mudanças. Precisamos lembrar que, assim como todas as formas de opressão são perpassadas pela luta de classe, a emancipação da classe trabalhadora requer o enfrentamento das opressões que afetam trabalhadores e trabalhadoras no ambiente de trabalho. Dessa forma, a proposição de combate às opressões (em seus diferentes níveis) deve estar pautada pela necessidade de transformação sistêmica. Reconhecemos que é recente o movimento do Sinasefe de dar voz aos oprimidos; portas foram abertas após o 1º Encontro de Mulheres, onde foi possível aprofundar a temática das opressões.

A invisibilização dessa forma de opressão dentro do espaço sindical reforça a cultura da LGBTfobia velada. Dentro de um meio supostamente progressista como um sindicato, provavelmente não seria aceito que alguém expressasse seu preconceito livremente. Entretanto, não é incomum que se escutem piadinhas feitas pelas costas de LGBT+ em eventos sindicais. Além disso, podemos observar que colegas LGBT+ são mais ou menos respeitadas e respeitados conforme atendem ou não a padrões heteronormativos de comportamento.

Cabe destacar, ainda que brevemente, os reflexos da LGBT+fobia no campo educacional. Sob o argumento falacioso de doutrinação dos estudantes à 'ideologia de gênero' - que seria contra a família tradicional - houve uma reação à tentativa de inserção de temáticas referentes ao debate acerca da educação sexual e de gênero nas escolas. A mobilização em torno da Cartilha do MEC 'Escola Contra a Homofobia' (2011) articulou setores conservadores, com destaque aos setores evangélicos 'fundamentalistas', que acabaram por se organizar em movimentos como o 'Escola Sem Partido', derrubando a divulgação do material, conhecido vulgarmente como 'Kit Gay'. Tal situação demonstra o quanto a LGBT+fobia é um discurso mobilizado, mesmo que de forma velada, com vistas a normalizar o preconceito e uma heteronormatividade compulsória, tanto nas escolas quanto na sociedade em geral, e precisa ser avaliado, discutido e combatido com seriedade e rigor.

Para que o combate à LGBTFobia em âmbito institucional se fortaleça, é necessário que o Sinasefe proponha políticas a respeito e busque parcerias com movimentos sociais e coletivos LGBT+. É fundamental o incentivo à criação e o apoio a núcleos e/ou grupos de trabalho (GTs) de gênero e diversidade que promovam debates e ações nas diferentes seções do Sinasefe. É preciso criar formações básicas para a compreensão sobre a diversidade sexual e de gênero, que esclareça conceitos, pois ocorrem muitas confusões no senso comum e entre pessoas leigas no assunto sobre as diferenças entre gênero e sexualidade, identidades, modos de ser e afetos/desejos. A articulação entre núcleos, GTs e movimentos de mulheres, indígenas, negras e negros se faz essencial para o

fortalecimento da luta, bem como a realização de um seminário nacional de combate às opressões.

**Encaminhamentos:**

O 34º Consinasefe resolve:

- Produzir materiais de divulgação e cartilha contra LGBT+fobia;
- Incentivar a organização de núcleo ou GT de gênero e diversidade em todas as seções sindicais;
- Incentivar formações regionais para servidoras e servidores sobre gênero e sexualidade;
- Promover o diálogo entre movimentos de mulheres, de negros e negras, indígenas e LGBT+ para fortalecimento da luta contra as opressões;
- Realizar seminário nacional de combate às opressões;
- Promover conscientização sobre saúde mental e ações de prevenção ao suicídio.

**Fontes:**

<https://observatorioq.bol.uol.com.br/noticias/2019/05/brasil-registra-morte-por-lgbtphobia-a-cada-23-horas-diz-pesquisa>

<https://sc.cut.org.br/noticias/as-dificuldades-da-insercao-da-comunidade-lgbti-no-mercado-de-trabalho-1c42>

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/suicidio-da-populacao-lgbt-precisamos-falar-e-escutar/>

<https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2019/06/21/parada-lgbtq-e-oportunidade-para-patrocinio-b2b.html>

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/29/23a-parada-lgbt-movimentou-r-403-milhoes-em-sao-paulo-diz-prefeitura.ghtml>

<https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/15/transexuais-encontram-dificuldades-para-o-acesso-a-educacao-e-trabalho/>